



HIDÁCIO E O FIM DA HISTÓRIA. O PESSIMISMO DE UM MUNDO EM MUDANÇA

ANDRÉ CARNEIRO

Universidade de Évora - ampc@uevora.pt

RESUMO

O autor mais importante de que dispomos para conhecermos os acontecimentos do século V é Hidácio, bispo de *Aquae Flaviae*. A partir de um acontecimento determinado por escavações arqueológicas – o colapso do grande edifício das termas mineromedicinais da cidade – ensaia-se uma relação com o conteúdo da sua obra escrita.

PALAVRAS-CHAVE

Lusitânia romana; reino suevo; *Aquae Flaviae*

ABSTRACT

The most important written source to understand the Vth century is the *Chronicon* by Hydatius, the bishop from *Aquae Flaviae*. As by archaeological excavations we know a major historical incident that hit the city – the collapse of the monumental building in the medicinal *thermae* – we try to establish a connection with the spirit of his writings.

KEYWORDS

Roman Lusitania; Suevic kingdom; *Aquae Flaviae*

O COLAPSO DE UM EDIFÍCIO: AS TERMAS MINERO-MEDICINAIS DE *AQUAE FLAVIAE*

Em torno à transição do século IV para o século V um tremor de terra terá sacudido o nordeste do actual território português. Os seus efeitos terão sido particularmente sentidos em *Aquae Flaviae*, onde o monumental complexo termal que dava fama à *urbs* colapsou de uma só vez. Alguns ocupantes não terão tido tempo de sair, pois foram encontrados esqueletos humanos sob o “derrube organizado da abóbada de canhão em *opus latericium* que apresentava grandes tramos ainda em conexão e parte do revestimento em *opus signinum*, denunciando uma derrocada súbita, num movimento único e abrupto”¹, que comprovava a brutal queda da cobertura do edifício. Tudo o que ficou sob a cobertura permaneceu na sua posição original, e o ambiente anaeróbico, no qual a água que brota do manancial continuou a correr continuamente, permitiu que os achados arqueológicos se mantivessem com um grau de preservação absolutamente excepcional.

O complexo termal encontra-se hoje em plena área urbana, o que muito condiciona o desenvolvimento dos trabalhos arqueológicos e a expansão da área de escavação. Mesmo assim, o conjunto de estruturas identificadas é significativo: uma grande piscina, com 13,22 x 7,98m, em extraordinário estado de conservação, incluindo o derrube do tecto em abóbada de canhão feita em *opus latericium* com algumas fiadas de lajes graníticas rectangulares; e ainda duas outras piscinas de dimensões reduzidas, possivelmente para imersões individuais. Seguem-se quatro salas, uma delas com 35 x 5m, além de outras três com dimensões reduzidas, merecendo ainda destaque um *Castellum aquae* em excelente estado de preservação, além de

numerosas estruturas de condução e descarga de água². O conjunto faz do local um dos complexos de termas medicinais mais bem preservados do Império, tendo a sua importância levado à rápida classificação como Monumento Nacional³.

O balneário medicinal de *Aquae Flaviae* seria um dos elementos centrais da *urbs*, aproveitando as ocorrências de águas minero-medicinais que no local afloram hipertermicamente (78°C). A importância deste recurso é visível na própria denominação da cidade, visto que *Aquae* refere-se à importância deste recurso. É de notar que a cidade também detinha uma posição geoestratégica, conforme demonstra a construção da ponte sobre o rio Tâmega, ainda hoje um dos *ex-libris* locais, mas a relevância deste recurso é ainda visível no facto de, em geral, os balneários medicinais serem de gestão pública, por acção das magistraturas municipais, que neles viam o principal factor de promoção local.

Portanto, o balneário de *Aquae Flaviae* seria certamente um local de atracção de gentes dos mais variados locais, que rumavam aqui para desfrutarem de águas de qualidades excepcionais. Após o tremor de terra que provocou o colapso da estrutura, os escombros não foram removidos nem se tentou reconstruir o edifício. Este facto mostra o grau de destruição que levou ao sepultamento do principal recurso estratégico da cidade, e (pelo menos de momento) não podemos deixar de pensar que este foi indiscutivelmente um dos factores que levaram à atrofia e decadência da cidade.

O COLAPSO DE UMA URBE: A DECADÊNCIA DE *AQUAE FLAVIAE*

A *urbs* flaviana terá sido, em importância, a quarta cidade da região da *Gallaecia*, após *Bracara Augusta*, *Lucus* e *Asturica*. O epíteto flaviano denuncia a sua promoção municipal com Vespasiano, uma vez que a denominação antiga seria *Ad Aquas*, sendo assim mencionada no itinerário da denominada via XVII⁴. Esta situação relembra a posição geoestratégica da cidade enquanto ponto de centralização de comunicações, com numerosos marcos miliários encontrados no aglomerado urbano e seu território: só no Museu da Região Flaviense estão guardados

13 miliários, e da área urbana conhecem-se seis, um deles preservado e visível hoje em dia pois está colocado no jardim do Castelo de Chavões, sendo proveniente de Venda de Padrões (um topónimo também elucidativo). Quanto à ponte, uma das mais bem preservadas do território português, testemunha bem a importância viária do local, derivado do posicionamento a curta distância das minas de ouro de Valongo, Três Minas ou Jales, entre outras, e a média distância do complexo de Las Médulas.

¹ Carneiro, S. e Lopes, R., 2014: 551.

² Para uma enumeração completa, veja-se Carneiro, S., 2013.

³ Carneiro e Lopes, 2014: 549.

⁴ Colmenero, 1997.

O urbanismo de época romana apresenta-se ainda pouco conhecido, devido às contingências de um aglomerado que subjaz a uma cidade hoje ocupada, mas possivelmente teria traçado hipodâmico e um anfiteatro, a julgar por uma inscrição⁵. Desta forma, pelos dados existentes e que se podem pressentir, cumpriria plenamente os requisitos exigidos a um aglomerado urbano de média dimensão, com a função de estruturar e gerir um território que tinha recursos económicos que interessavam à própria superestrutura do poder imperial.

É provável que o colapso do edifício termal fosse um grande golpe para a cidade de *Aquae Flaviae*, até aí em ascensão sustentada, como o demonstram as reformas do próprio balneário que o procuram adaptar e ampliar. Durante a Antiguidade Tardia, o papel subalterno da cidade indica-nos como houve uma considerável regressão na sua importância (embora nada se saiba do ponto de vista urbanístico⁶ ou arqueológico), o que também se deve à progressiva diminuição de exploração nas minas auríferas do Nordeste. *Aquae Flaviae* não surge como sede de bispado nem envia representantes aos concílios, e também não surge na listagem do denominado *Parrochiale Suevorum*, o que indicia um apagamento da sua influência. Aliás, Hidácio é o último bispo de *Aquae Flaviae*, o que

indicia que este cargo seria derivado mais do prestígio pessoal do próprio do que da centralidade ou da importância urbana.

Contudo, o território tinha recursos relevantes e estava habitado por gentes com uma organização sólida. É o próprio Hidácio que relata como no seu processo de instalação, os suevos tiveram conflitos contra os *Auregenses* e os *Aunonenses*, grupos indígenas da *Gallaecia* (não é possível perceber se no território flaviano ou em outro espaço); no segundo caso, a resistência foi de tal modo constante que o poder suevo teve de estabelecer um pacto, por não conseguir obter a vitória.

Certo será que o cataclismo que destruiu o balneário termal coincide com o nascimento, ou mesmo a infância, do bispo flaviano. A memória do acontecimento, ou inclusivamente a referência visual das ruínas que terão ficado a marcar a paisagem urbana, poderão ter sido muito fortes no imaginário do jovem. Talvez o tom apocalíptico e teleológico⁷ que perpassa em toda a sua obra tenha, também, muito a ver com o sucedido no edifício das termas mineromedicinais. É tempo, portanto, de olhar para a figura de Hidácio e para o legado que nos deixou.

O COLAPSO DO IMPÉRIO: A VISÃO DO FIM DOS TEMPOS EM HIDÁCIO

Nas palavras do próprio, Hidácio terá nascido em *Limica*, localidade na província da *Gallaecia* que geralmente atribuída às proximidades de Xinzo de Limia, pois estaria situada em Nocelo da Pena⁸. O seu entorno familiar era de origem aristocrática, em ambiente cristão e pertencente à administração provincial ou imperial. Talvez este facto justifique a sua afirmação de, enquanto *infantullus et pupillus*, ter estado no Oriente, pelo que teria feito parte de uma comitiva enviada a Constantinopla com finalidades diplomáticas⁹.

Esta formação e convivência com as altas esferas do poder explicam a sua atuação enquanto bispo. Não sabemos em que momento Hidácio ingressou na vida eclesiástica, mas a conjuntura era particularmente perturbada, devido à polémica priscilianista. Desta

forma, procurou sempre estar próximo das esferas de poder, atuando em defesa dos seus interesses enquanto líder de uma comunidade. A sua acção diplomática e política é indissociável da figura religiosa, o que torna particularmente difícil perceber certos aspectos da sua biografia. Seja como for, a entrada na vida religiosa terá sido tardia, entre os 22 e os 25 anos, ocorrendo em torno a 416.

Temos poucos dados sobre a vida do autor, para além daqueles se inferem a partir da sua biografia. Não sabemos qual foi o seu trajecto até 427, quando é nomeado bispo de *Aquae Flaviae*, nem quando terá decidido começar a redigir o texto que lhe permitiu sobreviver ao final dos tempos e hoje deter tanta relevância para nós: a *Hydatii Episcopi Chronicon*.

⁵ Colmeiro, 1997, CIL II 2473.

⁶ Sobre os poucos dados, veja-se Ribeiro, 2010.

⁷ Como tantos dos seus contemporâneos, Hidácio acreditava que o final do mundo tinha dia marcado: 27 de Maio de 482, na qual ocorreria a segunda vida de Cristo ou a *consummatio mundi*: veja-se Burgess, 1989:155–193. Desta forma, o relato está organizado de modo a que os acontecimentos se sucedam com crescente violência e horror, o que não nos permite encarar o relato como algo objectivo ou livre de postulados prévios.

⁸ Burgess, R. W. 1993: 3.

⁹ Tal terá ocorrido entre 407 e 410; a expressão utilizada por Idácio tanto se pode aplicar a jovens entre os 12 e 14 anos, o que faria dele nascido entre 393 e 395, como entre os 14 e os 17 anos, e nesse caso a sua data de nascimento seria entre 395 e 398. Considerando ainda que entre 407 sucedem episódios como a entrada de alanos, vândalos e suevos na *Diocesis Hispaniarum* ou o próprio saque de Roma em 410, a comitiva poderia ter procurado auxílio ou reforço de ajudas por parte do poder imperial baseado no Oriente.



A obra, em registo de crónica anual, recolhe os principais acontecimentos sucedidos entre 379 e 469, ano em que previsivelmente terá ocorrido a morte do autor. Nesta data se interrompem os eventos narrados, mas para nós, também se bruscamente se corta o fio dos acontecimentos, visto que o *Chronicon* do bispo flavianense é o último relato que nos ficou de um autor hispano-romano, e não temos qualquer outro texto até à *Historia Suevorum* de Isidoro (iniciando no reinado de Teodemiro, circa 561, embora com outro registo narrativo, sem a organização e valor descritivo que o texto do bispo flaviense detém).

Desta forma, a Crónica de Hidácio é o texto-base para compreendermos o que sucede durante os inícios do século V, acrescentando o facto de ser o único relato sobre o Noroeste peninsular, uma região geralmente à margem das narrativas históricas. Para (d)escrever os primeiros anos narrados na sua obra, o autor terá recorrido à consulta de textos e bibliografia, mas a partir de 427 é evidente que Hidácio escreve com uma vívida impressão dos factos, descrevendo-os de modo opinativo e enquanto testemunha dos acontecimentos. Neste

aspecto, o seu relato obedece aos conceitos da sua época, na medida em que uma “crónica” era uma narração dos factos testemunhados, mesclados com opiniões pessoais e ensinamentos de cariz teológico. Ou seja, não se trata de um relato histórico, desejavelmente isento como nos cânones actuais, mas de um texto onde os acontecimentos são encadeados, em lógica de progressão contínua, mas com um tom profético bem marcado, no qual existe uma progressiva decadência que obedece a um tom apocalíptico: o passado é grandioso - e aqui, a figura de Teodósio, o último Imperador hispânico, assume um papel central, enquanto garante da estabilidade, da paz e dos valores fundamentais que se perderam com a sua morte -, o presente incerto, e o futuro será marcado por catástrofes que anunciam o fim dos tempos. A grande novidade para a época, e que constitui hoje em dia a maior utilidade do texto, é o facto de Hidácio adoptar um registo de crónica com grande abundância de detalhes e de pormenores, o que não seria suposto neste tipo de relato¹⁰. Por estes motivos, o seu texto é da maior utilidade para que possamos conhecer o quadro de acontecimentos no noroeste peninsular durante o período registado.

¹⁰ Carneiro, S. e Lopes, R., 2014: 551.



O cariz apocalíptico da narrativa hidaciana é evidente: as invasões bárbaras trouxeram a destruição, incrementada com o desnorde espiritual que as heresias espalharam. Habitando no noroeste peninsular, Hidácio conviveu de perto com a chegada dos suevos e visigodos, mas também com os conflitos arianistas e priscilianistas. Sendo alguém educado no caldo da cultura hispano-romana tradicional, o bispo flaviense encara estas alterações como um marco emblemático da degradação dos tempos¹¹. Por isso o tom é pessimista e repleto de constantes catástrofes: as cidades são saqueadas e vandalizadas, os campos estão destruídos e a fome grassa pela população (o autor relata episódios de canibalismo desesperado), os contingentes político-militares estão abandonados à sua sorte por uma sequência de imperadores incapazes, as tropas bárbaras dizimam os campos

“como gafanhotos”, devastando tudo à sua passagem (em fórmula de evidentes contornos bíblicos).

Um elemento emblemático desta narrativa é a destruição da cidade de Conímbriga com o assassinato do conde Cantaber, uma viva descrição que irá marcar toda a interpretação posterior da cidade romana próxima de Coimbra. Tome-se o exemplo do sucedido na *domus urbana* que foi apelidada de Cantaber (precisamente pela identificação com a suposta residência do aristocrata local), na qual a identificação dos restos mortais de um habitante no *impluvium* central da casa que trazia consigo duas moedas de Honório (402-408) levou a que “Fica seguramente provado que o ataque a esta casa e a morte do seu desditoso habitante” ocorreu durante o século V, precisamente em 464¹². Da mesma forma, todos os

¹¹ Leguay, 1993: 21-22.

¹² Alarcão, 1999: 75.



níveis de cinzas identificados nas escavações luso-francesas foram interpretados como pertencentes à destruição causada pelo ataque suevo, mesmo quando os materiais arqueológicos neles encontrados mostravam momentos de ocupação posterior. O relato de Hidácio predominou mesmo sobre narrativas posteriores, pois em 561 o bispo Lucêncio representou a cidade de Conímbriga no primeiro concílio de Bracara, e as campanhas de Almansor tiveram como objectivo o cerco das muralhas de Conímbriga, que atingiu os tempos da Reconquista¹³.

Desta forma, a pessimista perspectiva do bispo flaviense fundamenta a visão tradicional de um Império em desmoronamento, no qual a fúria dos homens se combina com a vontade divina, pois grassam as pestes e epidemias, além de catástrofes

naturais. Neste universo em colapso, os bárbaros atacam livremente as cidades, sem enfrentar oposição. Mesmo quando existem negociações e “acomodações”, os estereótipos culturais são claros: os bárbaros não são dignos de confiança e o facto de serem incivilizados torna-os indesejáveis, homens de violência e costumes grosseiros que trazem consigo a marca destes tempos de perdição que se vivem.

E no entanto, alguns sinais merecem uma leitura atenta. O próprio Hidácio informa-nos que em 420 se encontravam dois funcionários imperiais na *Hispania*; embora sem grande poder efectivo, tal menção mostra que o sistema administrativo ainda mantinha alguma estrutura, embora seja esta a última referência de que dispomos para uma ligação do poder imperial à península. Da mesma forma, a

¹³ De Man, 2011: 185, com bibliografia. Note-se que mais recentemente a *Conimbriga* de Idácio tem sido relacionada com uma *Coniumbriga* referida em epígrafe proveniente de Monte Meão, Foz Côa, em região mais condizente com as movimentações referidas pelo autor flaviense.

sequência dos movimentos das tropas suevas mostram-nos como as antigas vias estavam operacionais, sinal de que existia uma manutenção das infra-estruturas de ligação. O *defensor civitates* ou o *rector* mencionados na Crónica a propósito de *Lucus Augusti* mostram como nas cidades se continuam a exercer magistraturas urbanas, enquanto os sempre temidos *exactores* continuam a exigir o pagamento de tributos fiscais às gentes dos campos e dos aglomerados populacionais. E embora o autor lastime a sua condição de habitante da periferia do Império, da *finisterra* atlântica, ele próprio relata-nos como vai tomando notícia de acontecimentos no Oriente, na Gália ou em Roma. Portanto, em meio ao caos, algumas indicações mostram sinais de organização e de estruturação nos códigos do quotidiano.

Entre estes aspectos contraditórios, o relato de Hidácio centra-se sobretudo na descrição dos acontecimentos relacionados com o reino suevo, sendo por este motivo que o seu texto é insubstituível, visto que mais nenhum relato deste processo nos ficou. Através do seu texto compreendemos os numerosos eventos sucedidos durante a instalação dos contingentes suevos. Episódios de conflito, como os ataques a *Bracara e Asturica* que são marcados pelo saque e profanação de lugares sagrados (embora sublinhe que sem derramamento de sangue, uma nota que diz muito sobre as limitações das tropas suevas), mas onde existe também algum colaboracionismo por parte de sectores hispano-romanos que estão do lado

dos invasores. Mas também nos descreve momentos de negociação com as comunidades locais, embora sempre marcados pela desconfiança mútua. Em outro plano, temos as situações de divisão interna no lado suevo, como as disputas pelo poder após a execução de Requiário, facto que bruscamente interrompe o processo de consolidação do reino suevo e leva à divisão entre três aspirantes ao trono, Maldras, Regismundo e Agiulfo, sendo que este último irá morrer em combate no cerco de *Portus Cale* em 457.

Além das numerosas informações sobre o reino suevo, Hidácio também presta dados sobre os outros oponentes em acção durante este turbilhão de eventos, como as tentativas de Majoriano e Teodorico II em restaurarem o controlo sobre a *Hispania*, ou as movimentações de vândalos e visigodos em territórios peninsulares. Em todos estes eventos, o relato do bispo flaviense apresenta grande riqueza de detalhes, que nos permite perceber, por exemplo, como o reino suevo foi um projecto que soçobrou pela pressão externa, sobretudo dos visigodos em instalação, mas também (ou sobretudo) pelos conflitos internos que nunca foram superados, nomeadamente pela ausência de uma estratégia que permitisse a unificação das diversas tendências em conflito. Em todo este cenário, também as divisões religiosas foram um elemento de tensão, que nem a maciça conversão ao arianismo em 466 por acção do missionário Ajax permitiu suplantar, visto que os colocou sob a alçada do reino visigodo de Toulouse, que também por esta via os irá dominar ¹⁴.

¹⁴ Leguay, 1993: 21-22.

BIBLIOGRAFÍA

- ALARCÃO, Jorge (1999) *Conímbriga, o chão escutado*, Lisboa, Edicarte.
- BARBERO, A. e LORING, M. (2008) “The formation of the sueve and visigothic kingdoms in Spain. Fouracre”, P. (Ed.), *The new Cambridge Medieval History. Vol. I c. 500-c. 700*, Cambridge, CUP, p. 162-192.
- BURGESS, R. W. (1989), *Hydatius: A Late Roman Chronicler in Post-Roman Spain*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Oxford University, [dactilografada].
- BURGESS, R. W. (1993) *The Chronicle of Hydatius and the Consularia Constantinopolitana: two Contemporary Accounts of the Final Years of the Roman Empire*. Oxford, Clarendon Press.
- CARNEIRO, S. e LOPES, R. (2014) “*Terra sigillata* hispânica tardia dos níveis selados das termas medicinais romanas de Chaves” en Morais, R., Fernández, A. e Sousa, M. J. (Eds.) *As produções cerâmicas de imitação na Hispania. Monografias Ex Officina Hispana II SECHA*, Tomo I, pp. 549-560
- CARNEIRO, S. (2013) “As termas medicinais romanas de Chaves”. *Arqueologia em Portugal - 150 anos*. Lisboa, AAP, p. 793-802.
- COLMENERO, A. R. (1997) *Aquae Flaviae. I. Fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior*. Chaves, CMC (2ª ed.)
- De MAN, Adriaan (2011) *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. (Studia Lusitana 6), Mérida, MNAR
- LEGUAY, Jean-Pierre (1993), “O Portugal Germânico”, em: Marques, A. H. de Oliveira (Coord. de), *Nova História de Portugal. Das Invasões Germânicas à “Reconquista”*, vol. II, Editorial Presença, Lisboa, pp. 11-115.
- RIBEIRO, J. M. G. (2010) *O tecido urbano flaviense: de Aquae Flaviae a Chaves medieval*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Universidade do Minho [policopiado]

Não é possível perceber o impacto que o colapso do edifício das termas medicinais de *Aquae Flaviae* terá tido no imaginário das gentes flavienses. É provável que este espaço fosse o coração da *urbs*, que uma cidade do interior como a urbe flaviense tivesse nele o seu centro de atracção de pessoas de variadas proveniências que aí demandavam as águas curativas. O abalo que levou à sua brusca queda, sepultando algumas pessoas no seu interior, terá sido enorme. O facto de nunca se ter procurado recuperar o edifício, nem sequer limpar os escombros, mostra a magnitude da tarefa e o modo como as ruínas ficaram a marcar a paisagem urbana do século V.

Relacionar este acontecimento com a formação do imaginário daquele que se tornaria Hidácio, bispo de *Aquae Flaviae*, é arriscado: muitos são os factores que irão marcar o seu *modus vivendi*, desde a sua formação adquirida na viagem ao Oriente até ao modo como se irá converter em testemunha privilegiada de marcantes episódios em época tão agitada e de dramáticas alterações. Não saberemos se a cidade que Hidácio espiritualmente liderou, assumindo-se como seu defensor e rosto perante os outros, estava marcada pelas ruínas do majestoso edifício que fora o centro da *urbs*, mas é altamente provável que o sucedido estivesse bem presente no imaginário dos seus concidadãos. Metáfora do colapso de um Império, a brutal queda do edifício termal de *Aquae Flaviae* mostra bem como os tempos eram incertos e pontuados por trágicos acontecimentos, dos quais Hidácio, bispo flaviense, foi intérprete privilegiado, legando-nos um relato insubstituível.